

# o Prelo

ANO XV • Nº 52 • Outubro de 2018

## **Cabelos empoderados**

*Cacheados elevam autoestima ao assumir identidade crespa dos fios* Pág. 10

## **Pré-vestibulares comunitários**

*Jovens de baixa renda têm opções de cursos preparatórios acessíveis* Pág. 4

## **Esportes adaptados**

*Diversas modalidades melhoram a qualidade de vida de pessoas com deficiência* Pág. 17

# Você precisa de um certificado digital. Então, que seja um oficial.

Agende seu horário e receba seu certificado na hora!

**A partir de:**

**Pessoa Física R\$105**

**Pessoa Jurídica R\$130**



**Certificado Digital**

**Descontos especiais para:**

**ME**

**EPP/MEI**

**EIRELLI**

Agendamento:

Site: [www.ioerj.com.br](http://www.ioerj.com.br)

Telefone: 0800 28 44 675

Locais de atendimento:

Edifício Menezes Cortes (R. São José, 35 - sala 222) - Centro do Rio

Sede da Imprensa Oficial (Rua Profº Heitor Carrilho, 81) - Niterói



**Imprensa Oficial**  
DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO



# o Prelo

Revista de Cultura da Imprensa  
Oficial do Estado do Rio de Janeiro

Luiz Fernando de Souza  
**GOVERNADOR**

Francisco Dornelles  
**VICE-GOVERNADOR**

Sergio Pimentel Borges da Cunha (Interino)  
**SECRETÁRIO DE ESTADO CHEFE DA CASA  
CIVIL E DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO**



Francisco Augusto Nobre  
**Diretor-Presidente**

Wander Guimarães Damaceno  
**Diretor Administrativo**

Nilton Nissin Rechtman  
**Diretor Financeiro**

Luiz Carlos Manso Alves  
**Diretor Industrial**

Rua Prof. Heitor Carrilho, 81  
Centro - Niterói - RJ - CEP 24030-230  
Telefone: 2717-4141 PABX  
www.ioerj.com.br

ASSESSORIA DE COMUNICAÇÃO

**Edição:**  
Fabiana Paiva

**Revisão:**  
Luiz Augusto Erthal e Maria Luisa Barros

**Estagiários:**  
Beth Biermann  
Caroline Cezário  
Daniel Almeida  
Estephane Souza  
Helen Lugarinho  
Larissa Henriques

**Diagramação:**  
Eduardo Amador

**Produção:**  
Assessoria de Comunicação Social  
da Imprensa Oficial

**Foto da capa:** Banco de imagem

Assessoria de Comunicação Social - ASCOP  
Tels: (21) 2717-5617/ (21) 2717-4682  
Endereço eletrônico:  
ascop@ioerj.com.br

# SUMÁRIO

## 4 • **Pré-Vestibulares comunitários**

Saiba como funciona a preparação dos jovens que desejam passar em concursos

## 7 • **Gênio da matemática**

Estudante de escola pública de São Gonçalo ganha olimpíada

## 8 • **Solidariedade**

Idosas consertam bonecas antigas para doação

## 10 • **A força dos cabelos**

Aceitação do fio crespo como ferramenta de empoderamento e autoestima

## 13 • **Instituto Mangueira do Futuro**

Além do carnaval, escola de samba ajuda jovens a partir de projetos sociais

## 15 • **Copa dos Refugiados**

Competição amistosa entre jogadores em situação de refúgio chega ao Rio de Janeiro

## 17 • **Esportes acessíveis**

Pessoas com deficiências encontram em diversas modalidades a oportunidade de ter mais qualidade de vida

## 20 • **Arnaldo Niskier**

Artigo aborda a participação da família na Educação

## 21 • **Memória Fluminense**

Espaço mantido pela UFF guarda as lembranças da história do estado

## 24 • **#OPreloCurtiu**

Confira as dicas da redação

## 26 • **Sala Leila Diniz**

Espaço de cultura da Imprensa Oficial completa sete anos

## 28 • **Apoio Emocional**

Conheça iniciativas que ajudam quem está passando por conflitos pessoais

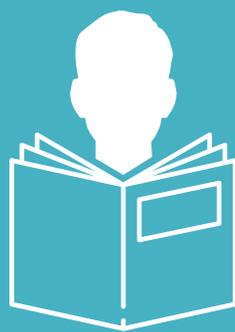
## 30 • **J. Carlos**

A história de um dos maiores cartunistas do Brasil

## 32 • **Cantos do Rio**

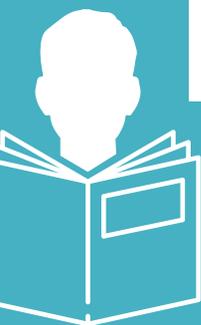
Um passeio pelos equipamentos culturais localizados ao redor da Cinelândia, no Centro do Rio





# Pré-Vestibulares comunitários

Caminho para a realização de um sonho



*Jovens buscam aprovação em universidades com ajuda de cursinhos populares*

por **Daniel Almeida**

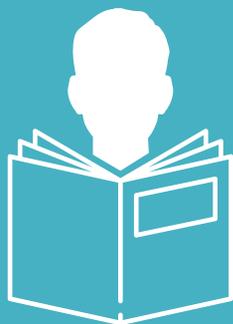
Chegar ao ensino superior ainda representa um grande desafio. São muitos fatores que podem influenciar no adiamento do sonho de cursar uma faculdade, entre eles, desigualdade social, baixa qualidade de educação pública e falta de dinheiro para suprir necessidades básicas. Pensando em mudar esse quadro, professores e voluntários se unem diariamente para dar aula em pré-vestibulares comunitários, como no curso Doutor Luiz Gama e no Instituto Educarte.

Segundo dados da Associação Brasileira de Mantenedoras de Ensino Superior (ABMES), em 2017, 70% dos jovens que concluíram o ensino médio no Brasil não ingressaram em uma graduação, embora 62% deles tivessem esse desejo. Outro levantamento mostrou ainda um segundo problema a ser solucionado: o alto índice de evasão escolar. De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em 2016,

25 milhões de brasileiros entre 14 e 29 anos estavam afastados das escolas.

Com o objetivo de mudar a realidade dos números, jovens estudantes de Direito da Universidade Federal Fluminense (UFF), em Niterói, Região Metropolitana do Rio, criaram o preparatório Doutor Luiz Gama. Ao lado dos amigos, Paulo Henrique Lima, de 30 anos, teve a ideia de criar, dentro da própria faculdade, um pré-vestibular que atendesse pessoas de baixa renda. “Desde o início foi um desafio, mas eu sabia que uma iniciativa desse porte dentro da UFF tomaria grandes proporções. Além de aprovar os alunos, nosso objetivo também é mostrar que eles têm direitos”, afirma Paulo.

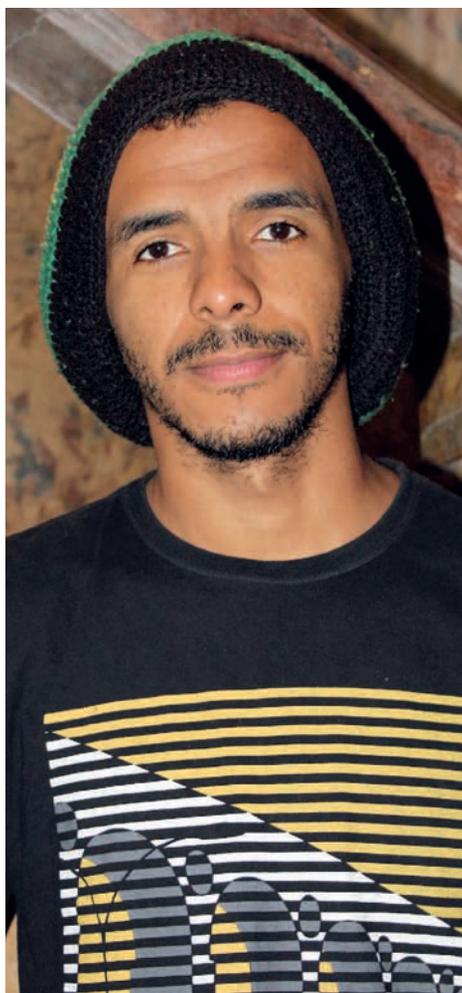
O projeto foi batizado em homenagem ao líder abolicionista Luiz Gonzaga Pinto da Gama, que nasceu na Bahia, da relação entre uma negra e um fidalgo português. Aos 10 anos, Luiz foi vendido pelo próprio pai como pagamento por uma dívida de jogo. Tendo em mente as



dificuldades que enfrentava por conta do racismo, o baiano usou a Educação como arma para conquistar seu lugar. Autodidata, tornou-se um rábula (pessoa apta a advogar em primeira instância, mas que não possuía formação acadêmica) e, durante a vida, libertou mais de 500 escravos, tornando-se um dos maiores abolicionistas do mundo.

“Queremos que os estudantes construam sua própria liberdade, assim como o Doutor Luiz Gama conquistou. Nossa grande perspectiva é popularizar o ensino e valorizar a cultura. Emancipar as pessoas socialmente por meio da Educação”, frisa Paulo.

Um dos alunos do preparatório, Jamilson Vieira, de 19 anos, ainda não decidiu se quer prestar vestibular para História ou Direito, mas reconhece a importância de estar no pré-vestibular como primeiro passo para ser aprovado. “O curso Doutor Luiz Gama é um projeto que abre ainda mais minha mente para entrar na UFF, universidade que escolhi e, também, me ajuda a dialogar e enfrentar os problemas que existem na sociedade”, destaca o jovem.



Paulo Henrique idealizou, junto com amigos, o pré-vestibular comunitário Doutor Luiz Gama



Estudantes do curso Doutor Luiz Gama aprendem noções de Direito para auxiliar a redação

O cursinho atende cerca de 350 pessoas e tem previsão de oferecer aproximadamente mil vagas no próximo ano. Atualmente, 70 voluntários colaboram com as atividades. Além do conteúdo voltado para o Exame Nacional do Ensino Médio (Enem), os educandos podem participar de programações culturais, rodas de conversa e aprender noções de Direito, formas de ajudá-los a ampliar conhecimentos para possíveis temas de redação das provas. As aulas regulares acontecem aos sábados, das 8h às 18h. Durante a semana, são ministradas as de idiomas, ambas na faculdade de Direito da UFF, que fica no Ingá, bairro da Zona Sul de Niterói.

“Além de ser um curso gratuito, que foca em quem realmente precisa, eu acho importante incluir a população e fazer os alunos entenderem como a sociedade funciona e o que precisa ser transformado”, explica a voluntária Flora Carneiro, de 20 anos.

Outro instituto que trabalha para aumentar as estatísticas de pessoas no ensino superior é o Educarte. Criado em 1996, pelo professor de História Eduardo Corrêa, de 44 anos, o preparatório já ajudou mais de 15 mil jovens a ingressar em universidades, segundo estimativa interna.

“Desde o surgimento, mantemos a mesma proposta: ser um instrumento de conquista social para a galera que vem das escolas públicas e não tem condições de pagar por um curso de qualidade. Entendemos que ingressar no ensino superior é algo que pode modificar a vida e a família desses meninos.

É por isso que trabalhamos para oferecer um ambiente saudável em que eles consigam estudar a um preço acessível”, afirma o fundador.

Boa parte dos educadores estudaram no próprio instituto e retornam como voluntários ao passar nos concursos. João Gabriel Oliveira, de 20 anos, ilustra bem essa situação. Aluno em uma das turmas de 2016, o jovem conseguiu se classificar no ano seguinte para o curso de História da UFF, considerado, em 2017, o quinto melhor do país, pela Folha de São Paulo.

Depois da aprovação, ele recebeu o convite de um dos coordenadores do curso para realizar uma aula-teste, com a condição de se tornar profes-



Jamilson escolheu a UFF como sua futura universidade



Eduardo Corrêa, fundador do Instituto Educarte

sor, caso os estudantes gostassem da didática. “Eles curtiram e, até hoje, ensino no Educarte. É bem gratificante ver que vários dos meus alunos foram aprovados e que nosso trabalho tem funcionado”, comemora.

Em parceria com a Universidade Estácio de Sá, o instituto consegue ministrar aulas em dez unidades da rede, tendo, ainda, uma sede própria em Nova Iguaçu, na Baixada Fluminense. Graças ao apoio, todos aqueles que estudam no curso podem obter bolsa de estudos de até 50% na Estácio, caso decidam se graduar na instituição. A mensalidade do pré-vestibular comunitário custa R\$ 60 e o valor já inclui apostilas e materiais, contextualizados de acordo com as provas de concursos.

“Não queremos ser uma fábrica de números, somos uma organização que visa resultados em nossos alunos. Sabemos que ingressar em uma faculdade pode ser um facilitador para galgar degraus mais altos na hierarquia social. Trata-se de dar a oportunidade de portas se abrirem”, finaliza Eduardo. ■

## SERVIÇO

**PRÉ-VESTIBULAR DOUTOR LUIZ GAMA**  
Rua Presidente Pedreira, 62- Ingá, Niterói  
[facebook.com/coletivodireitopopular/](https://facebook.com/coletivodireitopopular/)  
Gratuito

**INSTITUTO EDUCARTE**  
Rua Otávio Tarquino, 527 - Centro, Nova Iguaçu  
[www.institutoeducarte.org.br](http://www.institutoeducarte.org.br)  
R\$ 60

### Mais cursos acessíveis:

#### + NÓS

O +Nós possui, atualmente, 8 unidades na Região Metropolitana  
[facebook.com/pvpmaisnos](https://facebook.com/pvpmaisnos)  
Gratuito

#### FUNDAÇÃO CECIERJ/CONSÓRCIO CEDERJ

Em parceria com o Governo do Estado, o curso possui, atualmente, 50 polos entre Rio, Grande Rio e interior.  
[cederj.edu.br/prevestibular/](http://cederj.edu.br/prevestibular/)  
Gratuito

#### PVSAÇÃO

O Pré-Vestibular Social Ação funciona na faculdade de Letras da UFRJ, na Ilha do Fundão.  
[facebook.com/pvsacao](https://facebook.com/pvsacao)  
Gratuito

#### UFRRJ

Pré-Vestibular comunitário da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, o curso funciona todos os dias à noite no Campus Seropédica, na Baixada Fluminense.  
Tel: (21) 2681-4691 ou [pre.ufrrj@gmail.com](mailto:pre.ufrrj@gmail.com)  
Gratuito

#### VETOR

Rua Cosme Velho, 241 - Cosme Velho, RJ  
Tel: (21) 3148-3867 ou [facebook.com/vetorvestibular](https://facebook.com/vetorvestibular)  
Gratuito

#### EDUCAFRO

A rede possui 88 núcleos no Rio e Grande Rio  
[www.educafrorio.org](http://www.educafrorio.org)  
R\$ 47,70 (5% do salário mínimo, podendo variar)



Ronald, de 11 anos, ganhou bolsa de estudo após vencer competição

# O pequeno gênio da matemática

*Estudante de colégio público de São Gonçalo ganha medalha de ouro em olimpíada internacional*

por **Caroline Cezário**

Com um olhar tímido e de poucas palavras, o estudante Ronald Nascimento é um gigante com os números. Aos 11 anos, o morador de Jardim Bom Retiro, comunidade carente de São Gonçalo, na Região Metropolitana do Rio de Janeiro, acaba de conquistar a medalha de ouro na Olimpíada Internacional Canguru de Matemática. A competição é disputada anualmente por alunos, dos 7 aos 18 anos, de escolas públicas e particulares, divididos em diversas categorias.

Inibido, mas confiante, o pequeno grande gênio esbanja intimidade com os

cálculos matemáticos. Ronald confessa que ficou feliz por trazer a medalha, arrancando sorrisos dos diretores e estudantes da escola. “Fiquei feliz, mas eu já esperava”.

A ideia de participar da olimpíada foi de seu professor de matemática, Jean Carlos da Silva Cordeiro, e da diretora da Escola Municipal Darcy Ribeiro, Joelma Guimarães, localizada no bairro Vista Alegre. Segundo ela, foi a primeira vez que a escola participou de uma olimpíada internacional. Joelma acredita que esse tipo de competição é uma forma de incentivo. “Esses desafios fazem com que as crianças

raciocinem, corram atrás dos resultados”, conta a diretora.

Grande inspiração de Ronald, o mestre Jean Carlos explica porque incentiva seus pupilos. “Meus alunos gostam de ser estimulados e, por isso, lanço os desafios para eles”, declara o professor, que aplica as provas dos concursos anteriores para treinar os alunos e fazer com que eles se acostumem a exercitar o cérebro.

“O Ronald ganhava todos os concursos internos da antiga escola. Por isso, os coleguinhas não se surpreenderam ao saber que o amigo tinha vencido a olimpíada”, informa o professor.

Mesmo sem acesso à internet, sem computador e sem celular, o brilhante Ronald consegue vencer as dificuldades ao se destacar nos exercícios de matemática e em todas as outras matérias. “Eu não estudo para prova nenhuma, apenas presto atenção na aula”, declara o menino, que não sabe jogar futebol, mas gosta de ler, de jogar videogame e brincar de pique esconde nas horas livres.

Com o resultado da olimpíada, portas se abriram para Ronald e seus colegas de classe. O prodígio ganhou uma bolsa de estudos integral no curso de inglês e desconto para seus amigos. Diante de tanta habilidade, o menino também vem sendo acompanhado por institutos de pesquisas, já que muitas pessoas acreditam estar diante de um superdotado.

Para o futuro, o pequeno gênio, que despertou a curiosidade de muitos, sonha em ser engenheiro. Será o primeiro de sua família a atingir o ensino superior. ■



Medalha conquistada pelo menino

# Restaurando Esperanças

*Grupo de aposentadas dedica seu tempo a reformar bonecas para doação*

por **Helen Lugarinho**

**A** pequena casa na Ilha do Governador, na Zona Norte do Rio de Janeiro, fica ainda menor por causa da presença de mais de mil bonecas espalhadas pelos seis cômodos. Elas tomam conta do sofá, das prateleiras, dos armários e até embaixo na cama existem caixas e sacolas abrigando esses brinquedos, que podem ser melhores amigas de qualquer criança. Se você precisa de privacidade para usar o banheiro, pode esquecer – elas também estão lá. Entretanto, o desconforto tem um motivo nobre: as bonecas restauradas serão doadas para meninas que vivem em abrigos e orfanatos, tornando seus dias mais leves e alegres.

Tudo começou com Maria José Rodrigues Araújo, que tem 66 anos e é

chamada de Mazé pelos mais íntimos. A costureira aposentada sempre foi apaixonada por bonecas e resolveu fazer dois cursos de reforma de brinquedos. “Ano passado, comecei a ficar com a vida muito vazia, porque parei de trabalhar e nenhum filho mora mais aqui em casa. Percebi que precisava fazer alguma coisa”, conta. Quando concluiu as especializações, a primeira ideia foi vender as bonecas, porém o comércio foi caindo com o tempo. “Então decidi que ia continuar consertando as bonecas, mas sem esperar dinheiro em troca. Coloquei a meta de doar duas mil no Natal”, relata.

No começo, era difícil encontrar as bonecas e, assim, dona Mazé recorria às compras nos brechós, reformava, fazia novas roupas e divulgava nas redes sociais, com o objetivo de conseguir ajuda e mais brinquedos. A primeira a entrar para o time, que agora tem a participação de cinco idosas, foi Maria de Lourdes Nascimento, de 72 anos, sua amiga de longa data. “Sempre fui envolvida com trabalhos sociais, atuo em pastorais da Igreja. O trabalho voluntário me faz muito feliz e, por isso, comecei a ajudar.

Lembro que disse para a Mazé que um dia íamos ter tantas bonecas que nem daríamos conta”, recorda.

Ela, por sua vez, recorreu à vizinha Terezinha Monteiro, de 77 anos, que possui bastante experiência com as técnicas do crochê. “Fazia parte de um projeto que montava enxoval para bebês de famílias carentes, mas que, infelizmente, acabou. Quando conheci a iniciativa da Maria José, nem hesitei em colaborar”, comenta, empolgada.

*Meu objetivo é que mais pessoas possam trabalhar com a gente para não ficarem com a vida vazia como a minha estava*

As três senhoras são as mais atuantes na busca por bonecas e na costura de novas roupinhas e sapatos, mas possuem um apoio mais que especial. Seu João, de 71 anos, é casado há 45 com Mazé, também vestiu a camisa. “Ajudo a separar os brinquedos, mas a minha função é cuidar da alimentação das ‘meninas’. Testo receitas de pães e bolos na internet e sirvo enquanto elas trabalham”, conta, todo satisfeito.

Se antes existiam dificuldades na arrecadação, hoje, o cenário é totalmente diferente. “Divulgo bastante para as pessoas, elas começam a juntar e me doam as bonecas”, relata Maria José. “Até os garis ajudam, nem tocam mais a campainha, só jogam pelo muro”, completa dona Lourdes, em tom de brincadeira. Após as bonecas chegarem, elas são separadas por categoria e lavadas; as que imitam bebês de verdade recebem, ainda, um novo enchimento de espuma no tronco. Assim, a costureira aposentada reproduz anos de prática em ateliês na criação de fabulosos vestidos. “A maioria das Barbies chega sem sapatos e solucionei esse problema fazendo apenas vestidos longos”, explica. No caso das do tipo “bebê”, os sapatinhos são feitos pela dona Terezinha. “Já fiz mais de 80 pares e todos eles combinam com a cor da roupinha”, esclarece.



Da esquerda para a direita: Maria de Lourdes, Terezinha, Maria José, João e Hilda

Por mais que a iniciativa ocupe bastante o tempo das três senhoras, elas conseguem focar em outras atividades. Dona Maria José é formada pela Escola Villa Lobos e se dedica ao teclado e à flauta, enquanto dona Terezinha vive uma rotina semelhante às musas *fitness*. “Antes das 6h estou na rua caminhando e, à noite, faço ginástica e dança”, conta a aposentada, que já escalou o Pão de Açúcar e fez uma trilha durante dois dias na Serra dos Órgãos, em Teresópolis. Dona Lourdes, no entanto, utiliza suas horas livres para realizar outra ação voluntária, cozinhando e distribuindo refeições a moradores de rua.

Embora a meta de duas mil bonecas esteja quase atingida, elas ainda não sabem para onde doarão os novos brinquedos. Mas têm certeza de que continuarão com a ação nos próximos anos. “A gente vai envelhecendo e parando de fazer as coisas. Meu objetivo é que mais pessoas possam trabalhar com a gente para não ficarem com a vida vazia como a minha estava”, destaca Mazé. “O importante é a gente não ficar sem fazer nada, é muito bom ver se movimentar e ajudar as pessoas”, finaliza dona Lourdes. ■



Maria José exhibe suas bonecas favoritas



As Barbies ficam de pé graças a uma armação feita de garrafa pet, que fica por baixo dos vestidos

# Cabelo é coisa séria

*Jovens levantam bandeiras ao assumir a textura natural dos fios crespos*

por **Helen Lugarinho**

É provável que ultimamente você tenha visto mais pessoas com seus cabelos crespos naturais do que ao longo de sua vida. Nas ruas, escolas, universidades, na internet e na televisão, nota-se a presença de mais mulheres, e homens também, passando com seus cachos. Pode parecer fútil, mas assumir a forma original do cabelo ultrapassa a estética: é uma questão de identidade, de lutar contra a ditadura da beleza e de aumentar a autoestima.

A jornalista Gabi Vasconcellos tem 24 anos e divide sua rotina entre trabalhar no Conselho Regional de Contabilidade do Rio de Janeiro, ser *youtuber* e embaixadora de uma marca de cosméticos. Atualmente, possui uma relação de amor com seu cabelo, mas conta que nem sempre foi assim. “Achava que ele não combinava comigo e, com 12 anos, comecei fazer

escovas progressivas. Com 15, alisei definitivamente”, lembra.

Depois de oito anos vivendo com a química, decidiu passar pela transição capilar, termo que descobriu nas redes sociais. “Já estava insatisfeita com a aparência e saúde dos meus fios e resolvi parar com a rotina de escovas. Tive muita sorte de ter apoio porque sei que não é o que geralmente acontece”, relata. A jovem acredita que voltar com a textura natural é uma fase de autoconhecimento. “Foi um reencontro comigo mesma, uma mudança tão grande de autoestima e empoderamento. Hoje sei que me sentiria linda com qualquer cabelo”, destaca.

A história de Gabi não é incomum. O interesse pelo tema é tão grande que, segundo o *Google BrandLab*, as consultas *online* sobre “transição capilar” cresceram 55% nos últimos dois anos. E mais: em 2017, as buscas pelo termo “cabelos cacheados” superaram

“cabelos lisos” pela primeira vez, com um crescimento de 232%, e as pesquisas sobre “cabelos crespos” aumentaram 309%, desde 2016.

De acordo com um estudo realizado pela L’Oreal em 22 países, existem oito tipos de cabelos no mundo, sendo 1 o mais liso e 8, o mais crespo. O Brasil é a única nação com coexistência significativa de todos eles e cerca de 70% das brasileiras possuem os cabelos entre o tipo 3 e 8. No entanto, apenas 40% desse total mantêm os fios originais ao longo da vida.

É o caso da estudante de Engenharia de Recursos Hídricos Rayane Paiva, de 21 anos, que nunca passou por nenhum procedimento químico. “Minha mãe sempre teve muita paciência para cuidar dos meus cachos e nunca me senti influenciada a alisá-lo. Me achava e me acho linda com esse cabelo porque é parte de mim e tenho orgulho de cada parte do meu corpo”, ressalta a universitária.

“Entendo que seja difícil com toda imposição de beleza, mas é preciso se aceitar como você é e não se abalar com comentários negativos”, completa.

Se para as brancas voltar a ter os cachos é libertador, para as negras é uma maneira de se impor contra o racismo. “Comecei a alisar os cabelos no início da adolescência, depois de implorar muito para a minha mãe, que fez o procedimento durante toda sua vida. Mas rompi com a rotina de químicas quando entrei na faculdade e passei a frequentar um grupo de estudos formado por pessoas negras. Foi aí que me reconheci como mulher negra e decidi assumir meu cabelo natural”, conta a jornalista Erly Guedes Barbosa, de 31 anos.

Erly enfrentou a transição capilar em meados de 2005, época em que o assunto quase não era debatido e não existia cota racial nas universidades públicas, fazendo com que ela fosse uma das três mulheres negras de uma turma de 45 pessoas. “Para mim, não estava pautada a questão da estética, mas posso dizer que passar por isso melhorou, e

muito, a minha autoestima. Antes, só andava de cabelo preso e com roupas mais básicas para não chamar atenção. Hoje, eu sou muito mais feminina e uso roupas, acessórios e maquiagens coloridas. Agora me reconheço como uma mulher bonita”, relata.

Atualmente cursando mestrado na Universidade Federal Fluminense (UFF), ela pesquisa sobre as novas narrativas identitárias de mulheres negras a partir da discussão sobre beleza nas redes sociais. “Com certeza o debate na internet fez com que mais pessoas assumam seus cabelos naturais, mas existe uma geração que ainda não está imersa nesse mundo e, por isso, não podemos deixar de lado a importância da mesma discussão nos veículos tradicionais”, afirma. “Minha mãe alisou o cabelo por décadas e decidiu passar pela transição depois de assistir a programas televisivos que abordam o tema e, agora, ela se sente muito melhor consigo mesma”, exemplifica a mestrande.

Engana-se, no entanto, quem acha que o assunto é exclusivo da mulherada. O estudante David Barbosa, de 21 anos, sempre escutou comentários ofensivos sobre seu cabelo e, por isso, o manteve o mais curto possível. A vontade de usar o estilo

afro despertou quando entrou para a faculdade, em 2014, mas o desejo só se tornou realidade há dois anos. “Na universidade a gente começa a ter contato com pessoas diferentes e com alguns movimentos, onde muitos usavam o *black*. Então, tomei coragem e deixei o cabelo crescer”, conta.

Para o universitário, assumir os fios crespos é mais do que um simples modismo. “Sempre encaro isso como uma oportunidade de desconstrução, explicando que não é uma tendência, e sim resistência. O cabelo representa muito para a construção da autoestima: a maioria de nós cresceu ouvindo coisas ruins sobre nossa aparência. Assumir nossa naturalidade é importante”, esclarece David.

A valorização da beleza negra também é o objetivo de alguns projetos sociais, como o Trança Terapia, fundado pela historiadora e trançista Gabriela Azevedo, de 31 anos. Ela usou diferentes métodos de alisamento nos cabelos crespos dos 8 aos 13 anos, quando sofreu um corte químico. “Ganhei de presente da minha madrinha um relaxamento quando era bem pequena e, antigamente, achavam que era mesmo um presente ter o cabelo menos crespo. Depois, passei a fazer alisamento, progressivas

Gabi acredita que empoderar outras mulheres é parte fundamental do seu trabalho como *youtuber*



Helen Lugarinho



Rayane sempre se sentiu bem com seus cachos e nunca aplicou química nos cabelos

“É preciso se aceitar como você é e não se abalar com comentários negativos”

”



Erly considera que a melhor parte de passar pela transição capilar é se sentir bem consigo



David acredita que usar o cabelo *black* é um ato de resistência de sua negritude



Para Gabriela Azevedo, seu cabelo reflete o estado de humor

e botox regularmente. Com isso, vêm as queimaduras e todo um processo que acaba com nossa identidade e autoestima, porque o resultado nunca é o esperado”, lembra.

Quando precisou cortar os fios, viu nas tranças uma alternativa de aumentar seu amor próprio e, também, de ter uma profissão: aos 18 anos já trabalhava em salões de beleza como trancista. Em 2012, após passar por uma depressão, Gabriela criou o projeto sociocultural Trança Terapia. “Percebi que conseguia me manter positiva fazendo tranças e elas realmente foram uma terapia para mim. Assim, entendi que o penteado não é apenas comercial e estético, mas também uma forma de transformar vidas”, frisa.

O projeto atua de diferentes maneiras: cursos profissionalizantes; participação em eventos, como o “trançando a cabeça dessa festa”, onde as profissionais são contratadas para trabalhar em eventos, e batalha das tranças, que reúne cabeleireiros de todo o país, além de oficinas educativas em escolas. Entretanto, o diferencial é o Trança Ação, vertente social da iniciativa.

“Criei essa frente de atuação para que mulheres que passaram dificuldades como eu, possam ter perspectiva de melhorar de vida. Assim, elas conseguem

aprender um ofício e também receber atendimento psicológico”, explica a trancista.

Para ser contemplada pelo Trança Ação, existem alguns requisitos: ter entre 14 e 18 anos ou mais de 65, ter dois filhos ou mais e estar desempregada.

“Nossa identidade transpassa a estética e o cabelo natural resgata a memória de saber como somos e nos gostar de fato. O ideal de beleza é ser o mais embranquecido possível, mas temos cabelo crespo, nariz largo, lábios avantajados e temos que mostrar isso. O corpo negro é um corpo político em movimento”, finaliza Gabriela. ■



#### SERVIÇO

##### TRANÇA TERAPIA

Casa Bosque • Estrada da Caroba, 499  
Campo Grande - Rio de Janeiro  
[facebook.com/TrancaTerapia/](https://facebook.com/TrancaTerapia/)



# A MANGUEIRA do amanhã

Atletas das categorias de base do Basquete, Brenda, Adrielly e Vitória conquistaram vaga na seleção brasileira

*Ao longo de 90 anos, a Verde e Rosa cuida da preservação da sua história e construção do futuro através das novas gerações*

por **Beth Biermann**

“**A** velha guarda se une aos meninos lá na passarela, abram alas que vem ela, a Mangueira toda bela”. O samba, imortalizado na voz de Ataufo Alves Júnior, retrata a relação dessa velha senhora que chega aos 90 anos esbanjando vitalidade, unindo passado e presente de olho nas futuras gerações. Sinônimo de festa e inovação, a escola busca não só cada vez mais crescer no universo carnavalesco - dona de 19 títulos - como também investe na formação de cidadãos e jovens talentos a partir de seus projetos sociais.

Nascida no dia 28 de abril de 1928 pelas mãos de Cartola, Seu Euclides e outros amigos, a Estação Primeira de Mangueira colhe os frutos de um trabalho que vai muito além do samba. A escola investe em atividades de cunho social dentro do Instituto Mangueira do Futuro, cujo primeiro projeto foi a criação da Vila Olímpica.

Além de ter se tornado referência dentro da quadra ao formar atletas, o

programa atua, há 25 anos, em diversas áreas, como Cultura, Educação, Ensino Profissionalizante, Cidadania e Saúde, auxiliando na formação de cidadãos. Entre as iniciativas de destaque estão ainda o “Dançando para não dançar” e o “Instituto Profissionalizante da Mangueira”.

Embora ofereça diversas oportunidades a crianças e jovens, o esporte é uma das grandes frentes do instituto. A Vila Olímpica da Mangueira é, com excelência, sede de treinamento de diferentes modalidades, como atletismo, basquete, futebol, futsal, ginástica rítmica, natação, alongamento, levantamento de peso e boxe. E os números do Projeto Olímpico mostram a magnitude do trabalho: são 3.290 pessoas inscritas, 35 mil metros quadrados, uma pista de atletismo, três quadras polivalentes, um campo de futebol, duas piscinas e diversas salas de apoio.

Entre os milhares de beneficiados estão Vitória Silva e Brenda Bleidão, ambas de 15 anos, e Adrielly Francisco, de 16. Jogadoras das categorias de

base do Basquete, as adolescentes estão solidificando suas carreiras ao caminhar lado a lado com a Mangueira. Elas iniciaram seus treinos com 12 anos, junto com a técnica do time mangueirense, Elen Rosa. Já quase no alto rendimento, passaram anteriormente pelo sub-12, onde começaram a disputar as competições estaduais e nacionais. A partir de então, conquistaram vaga na seleção brasileira em suas respectivas categorias.

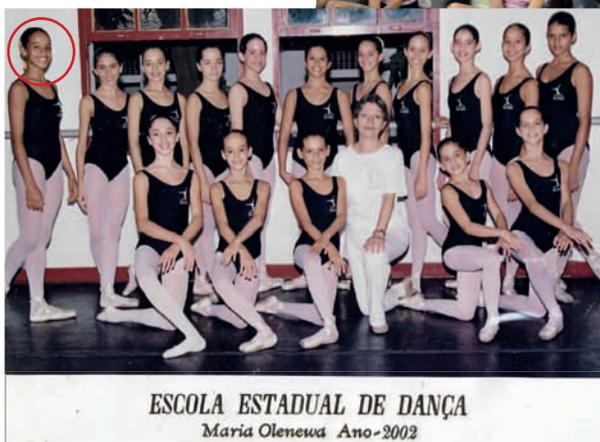
Integrantes da seleção sub-14, Brenda e Vitória disputaram os últimos jogos na Colômbia. Já Adrielly participou da competição 3x3 de Basquete no Chile, e quem vê a desenvoltura da menina em quadra nem acredita que ela já pensou em abandonar o esporte. “Quando comecei foi muito difícil porque não sabia nada. Vim do atletismo e quase quis desistir. Tinha que aprender o basquete do zero. Todo mundo já sabia fazer tudo e eu ficava muito triste, mas a Elen não me deixou abandonar”, lembra Adrielly.



Paulo e Teresinha: orgulho pelo empenho educacional da escola

Não só nas quadras as iniciativas da Verde e Rosa mudaram o rumo de seus beneficiados. Nos palcos, a bailarina Paula Pfister encontrou o que traz sentido a sua vida. Aos 16 anos, começou a fazer parte do “Dançando para não dançar”. Hoje, aos 30, coleciona muitas histórias e experiências originadas no projeto. “Foi por acaso, sem a menor intenção de me tornar uma bailarina profissional. Queria preencher o tempo existente fora da escola e me inscrevi lá”, recorda Paula.

O que começou de forma despretenhiosa levou Paula ao outro lado do oceano. Aos 16, ela ganhou bolsa para estudar na Alemanha e, sem saber falar nada além de português, fez parte da Staatliche Ballettschule Berlin, renomada escola de dança alemã. “Sou muito grata por tudo que vivi e ainda vivo. A dança é tudo para mim e o projeto é o ‘culpado’ disso tudo”, agradece Paula, que atualmente mora no Brasil e, além de exercer sua profissão na escola de dança “Com-Passos”, também voltou à Mangueira para ser professora do projeto onde começou sua carreira.



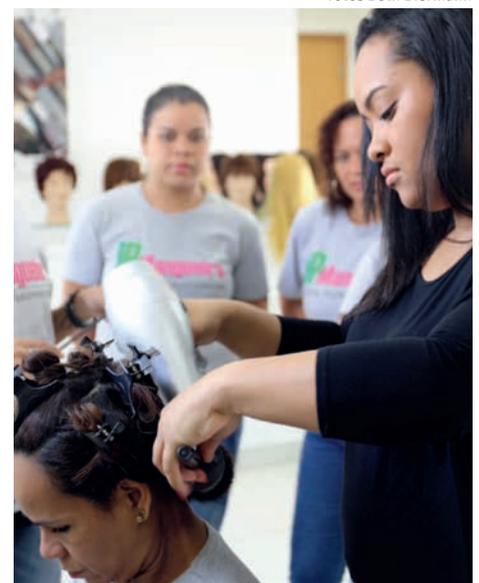
ESCOLA ESTADUAL DE DANÇA  
Maria Olenewa Ano-2002

A esquerda em pé, Paula Pfister junto a sua turma de 2002. Na foto acima, Paula hoje e sua turma após a aula.

Também foi na Mangueira que a especialista em colorimetria Mariana Santos, de 27 anos, descobriu sua vocação. Ela ingressou na área aos 19, no Instituto Profissionalizante da escola de samba. Hoje, é embaixadora da unidade, dá aulas e trabalha em grandes redes de salão de beleza. Ele é uma das quatro mil pessoas já formadas nos 18 anos da instituição.

“Aqui no IP aprendi a falar, adquiri conhecimentos gerais para abordar as pessoas e, acima de tudo, ter uma postura profissional adequada. Tenho muita gratidão por esse curso porque ele me deu a oportunidade de entrar no mercado de trabalho e de me tornar a profissional que eu sou hoje. Agora, estou retribuindo, ensinando tudo que aprendi”, diz Mariana.

Outra proposta que também está dentro do Instituto Mangueira do Futuro é o CIEP Nação Mangueirense, que completou 23 anos em 2018



fotos Beth Biermann

Mariana em aula no curso

e, atualmente, auxilia na formação de mais de mil jovens. A professora Teresinha Labruna, de 84, já foi responsável pelo projeto e guarda um carinho especial por todos os alunos e amigos que conquistou ao longo de sua caminhada. “Até hoje eles me param no meio da rua, começam a me abraçar e agradecer por tudo que construímos em sala de aula”, lembra ela.

A frente dos Projetos Especiais da agremiação, Teresinha ressalta que a escola foi o principal motor de transformação na sua vida. “Sou outra pessoa depois que comecei a trabalhar aqui. Com certeza um ser humano melhor e uma profissional mais capaz. Aprendi a aceitar e a acreditar nas pessoas. Vi que tudo é possível, basta querer”.

Teresinha faz parte da vice-presidência da escola ao lado de Paulo Ramos, filho de José Ramos, primeiro compositor mangueirense. Há 68 anos, ele respira a Verde e Rosa, presenciando cada passo de sua evolução. “Eu agradeço ao meu pai e a minha mãe por terem ido para o morro e me fazerem ser Mangueira desde sempre. Ela está totalmente dentro de mim. Cresci aqui e já acompanhei muita coisa. Ver o envolvimento com as causas sociais e o resultado disso tudo só mostra o quão grande é a Mangueira”, orgulha-se Paulo. ■

#### SERVIÇO

**VILA OLÍMPICA DA MANGUEIRA**  
R. Santos Mello, 73 - São Francisco Xavier  
Rio de Janeiro - RJ  
Tel: (21) 3258-6631  
www.mangueira.com.br

# A COPA DO CORAÇÃO

Larissa Henriques



Brenno Carvalho / Agência O Globo



Com o lema 'somos todos iguais', torneio organizado por ONG de refugiados ganha os gramados do Rio de Janeiro

por **Larissa Henriques**

Enquanto o mundo inteiro estava com os olhos voltados para a Copa do Mundo FIFA deste ano, um grupo de jogadores de futebol se preparava para o torneio mais importante de suas vidas: a Copa dos Refugiados do Brasil. Organizada pela ONG África do Coração, pela primeira vez no Rio de Janeiro, o torneio reuniu times da Angola, Colômbia, Síria, Senegal, Guiné Bissau, Venezuela, República Democrática do Congo e Haiti.

Apesar de ser um evento que privilegia o futebol, a Copa dos Refugiados vai além dos gramados. Com o apoio da Agência da ONU para Refugiados (ACNUR), ela acolhe famílias refugiadas de todas as etnias e oferece serviços para a regularização de documentos, empregabilidade e saúde.

Presidente da ONG e idealizador da Copa dos Refugiados, o congolês Jean Katumula Mulondayi, de 33 anos, chegou ao Brasil em 2013, fugindo de perseguição política. Como Jean, cerca de dez mil estrangeiros também deram a sorte de escapar com vida ao pedir asilo no país, segundo o Comitê Nacional para os

Refugiados (Conare). Jean conta que o objetivo do torneio foi divulgar o drama das pessoas que vieram para o Brasil em busca de refúgio.

“Eu pensei no futebol para que os brasileiros possam entender nossas dores, nossa causa, nossos desejos e que tenham uma consideração conosco. A ideia foi de envolver a paixão pelo futebol para que consigamos integrar o brasileiro a nossa comunidade”, explica o congolês.

Nos últimos sete anos, o Brasil registrou um salto nos pedidos de asilo. O número de estrangeiros fugindo de guerras e perseguições políticas passou de três mil para 33 mil no período. Por isso, o torneio também tenta desmistificar o refúgio e dar oportunidades para os jogadores, até mesmo para aqueles que desejam se profissionalizar no futebol, trazendo olheiros para assistir as partidas. Aposentado dos gramados há 17 anos, como brinca o presidente da ONG, Jean acredita que a Copa dos Refugiados ainda não conseguiu atingir totalmente sua meta. “O objetivo dela é provocar a integração total de refugiados



Larissa Henriques

Acima, Julson estende a bandeira da Angola. No alto da página, o troféu da Copa dos Refugiados, à esquerda, e a união de jogadores da Síria, ao lado

e imigrantes na sociedade brasileira por meio do futebol. Nosso objetivo é que eles não sejam mais vistos como refugiados, mas que sejam cariocas, paulistas e paranaenses, só que vindos de outros países”, comenta Katumba.

Coordenador do torneio, o sírio Abdulbaset Jarour acredita que é preciso ter compreensão e solidariedade dos brasileiros para que os refugiados sejam amparados. “Essa é uma dor que nós somos incapazes de traduzir. Lutamos de forma constante contra toda xenofobia, ignorância, olhar preconceituoso e intolerância. Lutamos para termos trabalhos dignos e para reconstruirmos nossas vidas, nossos sonhos”, confessa Jarour, que deseja ser visto como ser humano digno de respeito e solidariedade. “A situação de refúgio é muito dura e pesada. Sofremos perseguições e atos de crueldade injustificados. Merecemos ser felizes e também encontrar a paz”, desabafa o sírio.

Ganhador pelo time da Angola da primeira Copa de Refugiados no Rio, Julson Luwawa confessa que a competição vai além das partidas de futebol. “Muita gente vem para o Brasil como refugiado e consegue apenas o documento. São entregues à sociedade, sem uma orientação de como viver e conseguir emprego. Só receber o papel não basta, porque a gente precisa trabalhar e se integrar de verdade. A Copa dos Refugiados está nos ajudando com isso”, elogia o jogador.

No Rio há sete anos e recém-formado em Engenharia de Produção na Sociedade Unificada de Ensino Superior e Cultura (SUESC), Julson ganha a vida



O clima entre os jogadores reforça a amizade entre os povos

como barbeiro no Méier, Zona Norte da cidade. O angolano, que deixou sua família de sangue em sua terra natal, considera que ganhou um lar no Brasil e sonha em atuar profissionalmente na área em que se formou.

Assim como o engenheiro, o estudante de Relações Internacionais da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e professor de árabe na ONG Abraço Cultural, o sírio Adel Bakkour, de 25 anos, espera que a Copa dos Refugiados possa ser incluída em seu currículo para trabalhar na sua profissão. Morador do Rio há seis anos, Adel também vê o evento como importante para a mudança da imagem dos refugiados na mídia.

“Estou muito feliz por essa oportunidade de participar da copa. É uma competição fundamental para que a imprensa e as pessoas saibam quem nós somos. A maior parte de nós é formada e estuda. O evento vai contribuir também para que muitos refugiados consigam empregos melhores”, finaliza o sírio. ■

## A COMPETIÇÃO

Inspirada na Copa do Mundo FIFA de 2014, a Copa dos Refugiados teve sua primeira edição na cidade de São Paulo no mesmo ano. O evento organizado por refugiados reuniu cerca de 200 atletas, que representavam 16 times de diferentes nacionalidades. Este ano, pela primeira vez, a competição, disputada no “mata-mata”, aconteceu em três etapas: Paraná, Rio de Janeiro e São Paulo. No dia 20 de novembro, os vencedores de cada fase vão representar seus estados de origem na Copa dos Refugiados Brasil no Pacaembu, em São Paulo. As equipes qualificadas para a final pelo Paraná, Rio e São Paulo são, respectivamente, Senegal, Angola e Níger.

## Pedidos de reconhecimento da condição de refugiados no Brasil em 2017



Fonte: Conare | Ilustração: Estephane Sousa



As partidas foram sorteadas por Abdulbaset e Katumba, representantes da ONG

# ESPORTE

## que ultrapassam barreiras

*Pessoas com deficiências superam limitações através de iniciativas fluminenses*

por **Daniel Almeida**

Os esportes desempenham papel primordial na vida de muitas crianças, jovens e adultos. Além de melhorias no bem-estar de seus adeptos, valores como socialização, independência, autoestima e autoconfiança se evidenciam através deles. Todos os benefícios ficam ainda mais evidentes quando a prática de diferentes modalidades se torna canal para promover o desenvolvimento e inclusão de pessoas com deficiências. E, no Rio de Janeiro, alguns projetos se destacam por levantar essa bandeira.

Educadora física e professora de natação, Jacqueline Moreira, de 49 anos, tem dado novo sentido ao esporte há 27 anos. Moradora de Nova Iguaçu, na Baixada Fluminense, ela desenvolveu o método Aracati, nome inspirado na cidade natal do pai da autora. Por meio do nado, a técnica promove qualidade de vida a indivíduos com síndrome de Down, artrogripose (má formação nas articulações), autismo, paralisia cerebral, entre outras.

As aulas são aplicadas na Escola de Natação Pingo d'Água, no bairro Caonze,

também em Nova Iguaçu, e se desenvolvem em oito premissas: linguagem verbal e corporal; uso correto do material didático; disciplina e limites; imersão; vínculo entre professor e aluno; nado por imitação de movimentos; resposta aos comandos e deslocamento na água.

“O método surgiu da necessidade de crianças com diferenças funcionais que aparecem aqui na piscina. Muitos locais não oferecem suporte e os pais ficam magoados. O Aracati chegou justamente para acolher e abranger essas famílias”, explica Jacqueline. Ela também acredita que a capacitação é o primeiro passo para profissionais que desejam atuar com pessoas com deficiências. “O profissional precisa ter calma, paciência, educação e, principalmente, se capacitar em órgãos como o Conselho Regional de Educação Física (Cref) de sua região”, salienta a professora, que faz parte do CREF1 - Rio e Espírito Santo.

A estratégia ganhou ainda mais força há 12 anos com a chegada da filha Ana Luz. A menina nasceu com uma síndrome rara que provoca alterações na pele, circulação, ossos, tendões, veias,

músculos e articulações. É através das atividades propostas pela mãe que ela tem superado os obstáculos causados pela deficiência. “Quando minha filha entra na piscina, sinto que se torna a pessoa mais livre do mundo. Ela não precisa de mim, nem da cadeira de rodas. Os exercícios são muito bons”, comemora.

Ana Luz também apresenta graves desvios na coluna vertebral que prejudicam diretamente sua postura e movimentação. Ao longo da vida, já enfrentou 16 cirurgias, todas bem sucedidas com a ajuda do Aracati, que possibilita o fortalecimento cardiovascular, respiratório e articular.

Por se tratar de um método experimental, os relatos e ajustes são feitos cotidianamente, de acordo com a evolução de cada indivíduo. “A criança não precisa necessariamente nadar, só o fato de estar dentro da água é um ganho enorme. Sinto que meu aluno está progredindo quando pequenas mudanças vão acontecendo, como a diminuição dos espasmos, o controle da respiração e a tonificação dos músculos”, esclarece a criadora.

Assim como Jacqueline, a Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais do Rio de Janeiro (Apae Rio) trabalha a inclusão, mas não só através da natação. Além dos campeonatos promovidos pela própria instituição, os alunos também praticam basquete, futsal, atletismo, educação física e outras atividades.

Caio Ventura, de 29 anos, é instrutor de capoeira na Apae e conta que, no início, também precisou se adaptar para atender às novas demandas. “Eu tive que reaprender a capoeira, pensar e treinar movimentos para que os alunos com necessidades especiais não se machucassem”, lembra.

Coordenadora pedagógica da associação, Regina Souza explica o sentimento dos alunos pelo projeto. “Eles gostam muito de estar aqui. A escola regular não está preparada para lidar com esses meninos, e eles acabam ficando isolados. Aqui conseguem desenvolver outras atividades”, observa.

Professores e voluntários da instituição estimulam força, flexibilidade e agilidade dos alunos para que fiquem mais focados, tenham equilíbrio ao andar e fortaleçam a musculatura. “Eles saem daqui renovados. Tem a parte recreativa nas aulas, para ocupá-los em horários que, normalmente, não teriam nada para fazer em casa”, explica Leonardo Mourão, professor de educação física.



Além da capoeira, os alunos da Apae Rio praticam futebol, jiu jitsu e educação física

Para fazer parte da Apae, os interessados devem ir até a entidade, na Tijuca, Zona Norte do Rio, e passar por entrevistas com um assistente social. Terapeutas e neurologistas também auxiliam fazendo diagnósticos, caso necessário.

Wanderson Gomes, de 43 anos, assistido pela organização, enfatiza que está feliz com as mudanças causadas pelas atividades da Apae. “Eu gosto muito da educação física e do professor Léo. Agora eu consigo pegar ônibus sozinho, andar melhor e ir ao supermercado perto de casa”, conta Wanderson, diagnosticado com deficiência intelectual de grau leve.

A coordenadora do projeto conta que os alunos passam a se comunicar e interagir socialmente e, que apesar da limitação cognitiva, muitos têm outras aptidões a serem exploradas. “Eles até gostariam de trabalhar e nos pedem encaminhamento. Alguns são tutelados pelos pais e, por isso, não podem ingressar no mercado. Isso é uma pena, já que muitas empresas se comprometem a incluir deficientes”, lamenta.

Assim como a Apae, o time Rio de Janeiro Power Soccer tem quebrado estereótipos comuns a pessoas com necessidades especiais. Com cadeiras motorizadas, jogadores com deficiências severas, como a tetraplegia e a distrofia muscular, provam que não é preciso ter pernas para jogar futebol.

Os atletas contam com um suporte que impede contusões e possibilita os



Graças ao esporte, Wanderson consegue realizar atividades rotineiras como pegar ônibus sozinho

movimentos de chute, conhecidos como *footguards*. “Na quadra, os alunos não dependem de ninguém. As cadeiras se tornam pernas, como correr sem andar. É emocionante ver uma criança realizar o sonho de se tornar um jogador de futebol e a cadeira ser apenas uma ferramenta que possibilita isso”, afirma Cleber Coutinho, técnico da equipe.

Titular da seleção brasileira de Power Soccer, Bernardo Borges, 23 anos, coleciona cinco títulos brasileiros ao longo da carreira. O atleta, também formado em Comunicação Social pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio), destaca que o esporte o ajuda a ser mais confiante. “Me sinto livre jogando, como se não tivesse nenhuma deficiência que me impedisse de praticar uma atividade como qualquer outra pessoa. Minha autoestima melhorou e passei a ser mais extrovertido. Eu era muito fechado antes de conhecer o esporte”, desabafa o jovem, que sonha ver o Power Soccer se tornar uma modalidade paralímpica.

Os treinos da equipe acontecem sempre aos sábados pela manhã e se dividem entre o Centro de Educação Física Almirante Adalberto Nunes (Cefan), na Zona Norte do Rio, o ginásio da PUC-Rio e o Parque do Flamengo, ambos na Zona Sul da cidade. Diretora

do time carioca, Mônica Dutra, de 44 anos, frisa que o esporte se tornou essencial aos jogadores. “O Power Soccer mudou a vida deles de uma forma muito ampla. Eles se tornaram protagonistas. Nosso objetivo é desenvolver as potencialidades de cada um e torná-los independentes. Queremos que tenham a liberdade de praticar um esporte e possam se sentir acolhidos”.

Iniciativas como o método Aracati desenvolvido por Jacqueline, as atividades da Apae Rio e os jogos de futebol adaptado do Rio Power Soccer são

de extrema importância para resgatar a confiança de famílias e pessoas que encontram no esporte a oportunidade de superar os limites impostos pela deficiência. “Inclusão não se trata apenas de colocar o aluno com alguma diferença funcional em um ambiente com outras crianças ditas ‘normais’ e achar que vai se adaptar da mesma forma. Incluir é estar presente, ganhar a confiança da pessoa e, principalmente, não desistir dela”, ensina a professora Jacqueline. ■



Com cadeiras motorizadas, a equipe do Rio Power Soccer dá um show em quadra



Bola utilizada pelos atletas é quase duas vezes maior que a de futebol tradicional

#### SERVIÇO

##### ESCOLA DE NATAÇÃO PINGO D'ÁGUA

R. Mearim, 62 - Caonze, Nova Iguaçu  
Tel: (21) 2667-3046

##### RIO DE JANEIRO POWER SOCCER

[www.riodejaneirpowersoccer.com.br](http://www.riodejaneirpowersoccer.com.br)  
Tel: (21) 98892-7482 ou 98804-0402

##### APAE RIO

R. Bom Pastor, 41 - Tijuca, Rio de Janeiro  
Tel: (21) 3978-8800



# Presença da família na educação brasileira

**Arnaldo Niskier**

da Academia Brasileira de Letras, Doutor Honoris Causa da Unirio e Presidente do CIEE/RJ

**J**á está mais do que na hora de promulgar uma nova lei de diretrizes e bases da educação nacional. Ela nasceu em 1996, mas a sua estrutura não se sustenta, pois foi balanceada por mais de 40 emendas constitucionais. A educação é um processo contínuo, permanente, que não deve sofrer interrupções abruptas. A tese que desejamos defender, com a ênfase possível, é de que a família precisa estar presente em tudo isso.

Deve-se estabelecer uma política pública que oriente pais e professores sobre os direitos de aprendizagem dos estudantes na educação básica, estabelecendo uma formação comum. A alfabetização ocorre nos dois primeiros anos do ensino fundamental, com a criança aos 7 e 8 anos. Mas tudo isso precisa contemplar um grande envolvimento da família, que não

pode ficar de fora de todo esse complexo processo, que começa no atendimento gratuito em creches de zero aos seis anos de idade. Temos uma brutal carência dessa necessidade, apesar das reiteradas promessas das nossas autoridades.

A falta de envolvimento dos pais no processo educativo formal acaba colaborando para que não tenhamos uma educação de qualidade. Afinal, é no seio familiar que as crianças absorvem os valores, as tradições e os costumes que ajudarão mais tarde na convivência com a sociedade. Poderíamos até dizer que, historicamente, na família funciona o primeiro espaço educativo para as crianças.

Apesar de garantido na Constituição de 1988 e ratificado no Estatuto da Criança e do Adolescente de 1990, a inclusão do direito das crianças à educação em creches e pré-escolas na lei de Diretrizes e Bases da Educação, em 1996, foi muito comemorada. Mas o que nos causa preocupação é o fato de não termos tradição no trato dessa faixa etária, em geral entregue à iniciativa privada, tornando-se muitas vezes inacessível às

camadas menos abastadas da população, devido aos altos custos. Além disso, há uma carência profunda de professores capacitados para assumir com louvor esta tarefa.

Com a falta de ações efetivas das autoridades, as consequências têm sido desastrosas. A universalização da pré-escola, proposta pelo Plano Nacional de Educação (PNE) para o biênio 2014-2016, não foi alcançada. Nem a primeira das 20 metas previstas, ou seja, o acesso total de crianças entre 4 e 5 anos ao ensino infantil, chegou ao seu intento: ainda faltavam, em 2016, 600 mil vagas para garantir a chegada das crianças à pré-escola.

O problema é mais grave do que se imagina e é preciso urgentemente criar iniciativas que levem ao atendimento das metas propostas. Para que haja uma mudança de paradigma na questão do pré-escolar, acreditamos que deveriam ser criados programas, projetos e experiências que envolvam a União, estados e municípios.

Finalizando, temos que entender que a questão da Educação é estratégica para atingir o estágio de desenvolvimento que almejamos como nação. Observem que desde 2013, as escolas públicas brasileiras seguem o Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa (Pnaic), uma iniciativa para estimular que as crianças estejam plenamente alfabetizadas aos 8 anos, no 3º ano do fundamental. Mesmo infelizmente, os números são alarmantes: temos 14 milhões de analfabetos no país. ■



# CENTRO DE MEMÓRIA FLUMINENSE



*Na UFF, o ancoradouro da nossa identidade*

por **Luiz Augusto Erthal**

**H**ouve um tempo, quando ainda não existia a Ponte Rio-Niterói, em que os cidadãos da cidade do Rio de Janeiro não eram fluminenses. Apenas cariocas. Inicialmente – desde a proclamação da República –, moradores do Distrito Federal; depois, com a criação de Brasília e a consequente transferência da capital do país para o Planalto Central, naturais da cidade-estado da Guanabara, cuja existência fugaz se deu entre 1960 e 1975.

Nesse tempo, Niterói era a capital do estado. A travessia da baía só podia ser feita de barca ou barçaça, quando se queria atravessar também o carro. Na terra de Arariboia ficava, além da sede do governo estadual, a Assembleia Legislativa, cujo prédio – atualmente ocupado pela Câmara Municipal – compõe o conjunto arquitetônico da Praça da República. No centro desse logradouro há um monumento em homenagem à República e, no seu



Divulgação UFF

À beira da Baía da Guanabara, o CEMEF (prédio azul, ao fundo) recebe as naus da história

interior, torrões trazidos de todos os municípios fluminenses existentes à época da sua construção.

Hoje existe um lugar em Niterói onde também estão guardadas lembranças dos mais variados lugares do estado. Não punhados de terra crua, mas sim porções quase perdidas da história do Rio de Janeiro. Da nossa Velha Província. Esse lugar é o Centro de Memória Fluminense, uma divisão da Biblioteca do Gragoatá, da Universidade Federal Fluminense (UFF).

À beira da baía, no campus construído em uma área de aterro assentado sobre as

águas da Guanabara, o prédio onde mora esse passado funciona como ancoradouro da própria identidade fluminense. Velhos barcos da memória de um estado violentado pelo ato inconstitucional que o uniu a outra unidade federativa, em plena ditadura militar, aportam sem se dar conta de que vivemos no tempo pós-fusão Rio de Janeiro-Guanabara – o que, pela Constituição brasileira, só poderia ter acontecido por força de plebiscito, mas não houve.

Talvez por isso mesmo esse porto venha atraindo cada vez mais navegantes desejosos de ali despejar as relíquias

sobreviventes do entulho autoritário que selou a união de cariocas e fluminenses. A iniciativa de criação do Centro de Memória Fluminense aconteceu em 1992, na gestão do professor José Raymundo Martins Romeo como reitor da UFF.

### BARCO DA BIBLIOFILIA

O primeiro barco a lançar suas amarras no porto da memória foi o do livreiro Carlos Mônaco, cuja coleção – que cresce continuamente por força de novas e seguidas transferências para a biblioteca – soma mais de cinco mil títulos e oito mil exemplares. Cedidos em comodato, os livros da coleção Carlos Mônaco formaram a base do acervo e se constituem até hoje como a maior contribuição para o Cemef.

Dono da Livraria Ideal, fundada por seu pai, o imigrante italiano Silvestre Mônaco, que transformou, nos anos 30 e 40 do século passado, uma pequena engraxataria no maior templo da bibliofilia de Niterói, Carlos Mônaco é conhecido



Os bibliotecários José Antonio Vianna e Antônio Carlos Marones zelam pelo acervo

por ser um exímio garimpeiro de obras raras, além de ativista cultural. Sua loja, no Centro da cidade, é frequentada até hoje por pesquisadores e escritores, cujo convívio formou, durante décadas, uma intensa roda literária que se reunia aos sábados, pela manhã, na calçada em frente à livraria, a ponto de aquele espaço público da Rua Visconde de Itaboraí, em frente ao número 222, ganhar, por força de lei municipal, o título de Calçada da Cultura.

A garimpagem e o convívio com os escritores fluminenses – da roda participaram nomes guindados à Academia Brasileira de Letras, como José Cândido de Carvalho e Marco Lucchesi –, associados ao espírito de bibliófilo de Carlos Mônaco, geraram a coleção cedida por ele ao Centro de Memória Fluminense. Lá estão obras raras do século XIX e certamente o maior conjunto de livros de autores do velho Estado do Rio. São, principalmente, obras de literatura e de conteúdo histórico regional, além de muitos periódicos publicados, sobretudo, em Niterói no século passado.

### OS LIVROS QUE VIERAM DO LIXO

Outra importante nave do tempo que veio aportar no Centro de Memória Fluminense foi a coleção do professor da UFF Emílio Maciel Eigeenheer, cujo trabalho de pesquisa

associada ao departamento de coleta seletiva de lixo da Clin, a companhia de limpeza urbana de Niterói, resultou em uma descoberta histórica, que ajudou a resgatar um dos mais importantes movimentos culturais fluminenses.

Trata-se da roda do Café Paris, um bar-restaurant que existiu do final do século XIX ao início dos anos 30 do século passado em frente às barcas, no Centro de Niterói. Lá se reuniu diariamente, durante três décadas seguidas, um grupo de jornalistas, poetas e intelectuais, que mantiveram uma intensa produção literária, notadamente de poesia satírica, resultando na publicação de dezenas de livros – a maioria deles plaquetas, como eram conhecidos na época os livretos de poucas páginas.

Entre os membros da roda mais conhecidos estão Lili Leitão, Brasil dos Reis, Nestor Tangerini, entre outros. Em sua pesquisa, Emílio Eigeenheer travou contato com vários livros de um desses “parisienses”, chamado Lourenço de Araújo. As obras foram recuperadas do lixo e despertaram a curiosidade do pesquisador, que se voltou para o estudo daquele movimento literário, considerado um dos poucos genuinamente fluminenses. Ele republicou livros de alguns desses autores e cedeu ao Cemef o seu acervo, formado não só por obras dos poetas do Café Paris, mas por um conjunto que reúne mais de três mil títulos.

### AS LEMBRANÇAS DO JOVEM LUCCHESI

A mais recente atracção cultural no Aporto memorialista da UFF foi a da coleção Marco Lucchesi. Morador de Niterói, o poeta, romancista, ensaísta,



Algumas das obras raras do Centro de Memória ficam expostas em caráter permanente



O espaço à frente do Cemef recebe frequentemente exposições de conteúdo histórico



Livros raros, tanto históricos quanto literários, formam a parte mais valiosa do acervo

tradutor, poliglota (domina cerca de 17 idiomas) e atual presidente da Academia Brasileira de Letras escolheu o Cemef para doar parte da sua biblioteca, em 2016. Ele transferiu à instituição mais de dois mil livros, que, em razão da diversidade e da complexidade de sua composição, só agora terminaram de ser catalogados.

“Eu pensei que iria ficar fluente em romeno”, brinca o bibliotecário José Antonio Vianna, que ficou responsável pela catalogação dos livros de Lucchesi, tendo que recorrer a vários dicionários de diversas línguas para poder concluir o trabalho.

A coleção – formada em sua grande maioria por escritores contemporâneos que lhe dedicaram de próprio punho os seus



O Cemef expôs alguns dos muitos livros da coleção Lucchesi autografados pelos próprios autores

livros – também incorpora vários nomes da cultura fluminense, tendo em vista a convivência mantida por seu proprietário, sobretudo na juventude, com os autores regionais. Mas, por ser um homem do mundo, profundamente comprometido com o interculturalismo, Lucchesi introduz no acervo do Cemef nomes da literatura internacional, como Umberto Eco, Marin Mincu, Mario Luzi, Roger Garaudy, Adonis e Maffesoli, além de destacados brasileiros: Carlos Drummond de Andrade, Wilson Martins, Gilberto Freyre, Paulo Ronai, Antonio Carlos Villaça, Adélia Prado, Frei Beto, Antonio Cicero etc.

Porém, uma das maiores curiosidades desse acervo remonta à infância e adolescência de Lucchesi através de sua coleção de histórias em quadrinhos publicados em diversos idiomas. Lá estão Tim-tim, Pato Donald e outros clássicos traduzidos para russo, alemão e árabe,

como eram lidos por ele. Dos gibis à literatura universal, o forte, destacado pelo próprio Lucchesi, é a parte oriental da biblioteca, com livros em árabe, persa, turco, russo e romeno.

E ainda vem mais por aí, pois o imortal promete, em uma próxima etapa, fazer a doação de manuscritos orientais raros em que está trabalhando neste momento. Novas ancoragens, portanto, à vista. ■



Entre as curiosidades da coleção Lucchesi estão os gibis que ele, ainda menino, lia em diversos idiomas

### Acervo possui mais de 20 mil exemplares

O acervo do Centro de Memória Fluminense totaliza atualmente 21.928 exemplares de livros, 7.403 de jornais e periódicos, centenas de fotografias históricas e obras de referência. As mais volumosas coleções são as de Carlos Mônaco, com 8.188 exemplares, Emílio Maciel Eigeenheer (3.681), Marco Lucchesi (2.129) e Lourenço de Araújo (1.013). Outras coleções importantes são as de Ayrton Pinto Ribeiro, do Cenáculo Fluminense de História e Letras/Nemécio Calazans, Néelson Pereira Rebel, Brandão Júnior, César de Araújo, Gilberto Emílio Chaudon, Hugo Tavares, Nóbrega de Siquira e Paulo Almeida Campos.

A composição do acervo pode ser pesquisada online pelo site [www.bibliotecas.uff.br/cemef](http://www.bibliotecas.uff.br/cemef). Consultas também podem ser feitas e até respondidas em tempo real através do Facebook ([facebook.com/centrodememoriafluminenseuff](https://www.facebook.com/centrodememoriafluminenseuff)) e pelo Instagram ([instagram.com/cmff\\_uff](https://www.instagram.com/cmff_uff)).

O Centro de Memória Fluminense não realiza empréstimos, mas as consultas na própria biblioteca são franqueadas ao público em geral e não apenas à comunidade acadêmica. Os usuários são atendidos diretamente pela equipe de bibliotecários, coordenada pelo chefe Antônio Carlos Marones de Gusmão, que pesquisam em base de dados o conteúdo desejado pelos interessados. O acesso direto às estantes não é permitido, em função da raridade e do estado de conservação de parte do acervo.

Periodicamente, o Cemef também realiza exposições baseadas em seu conteúdo. As mais recentes foram “Autógrafos da Coleção Marco Lucchesi” e “50 edifícios: construindo Niterói”.



Envie suas dicas para serem publicadas aqui.  
Esta seção é feita com a sua colaboração. Participe!  
Mande seu e-mail para [ascop@ioerj.com.br](mailto:ascop@ioerj.com.br).



## **Feira da Roça**

Principal evento de Quatis, no Vale do Paraíba, a Feira da Roça ocupa uma área de mais de 14 mil metros quadrados, com capacidade para até 30 mil pessoas. Realizada em dois domingos por mês, a festa oferece barracas com comidas típicas, apresentações de dança, shows de artistas locais, brincadeiras, coreografias folclóricas e o baile principal. Além de todo o festival, também acontecem oficinas de artesanato, música e dança para o público. A Feira da Roça promove edições em outros municípios com o objetivo de explorar a gastronomia interiorana e valorizar a vida no campo.

### SERVIÇO

Funcionamento: Todo segundo e quarto domingos do mês, das 7h às 18h  
R. Doutor Carlos Augusto Haasis, 59 - Centro, Quatis  
Tel: (24) 3353-2179 / E-mail: [quatisfeira.cultura@gmail.com](mailto:quatisfeira.cultura@gmail.com)

## **Sala de Leitura na Cidade das Artes**

Localizada no interior da Cidade das Artes, a Sala de Leitura possui um acervo de mais de sete mil títulos e é aberta ao público. O espaço oferece área reservada para pesquisa, estudos, recreação infantil e computadores com internet. Além disso, também promove debates, bate-papos, lançamentos de livros, contação de histórias e outras atividades. A entrada é gratuita.

### SERVIÇO

Av. das Américas, 5300 - Barra da Tijuca, Rio de Janeiro  
Funcionamento: de terça-feira a domingo, das 10h às 19h  
Tel: (21) 3325-0102  
Entrada gratuita.



Divulgação

## **Biblioteca do CCBB**

Fechada desde junho por motivos administrativos, a Biblioteca do Centro Cultural Banco do Brasil foi reaberta no dia 22 de agosto com mais quatro mil livros novos em seu acervo. Além dos 154 mil exemplares disponíveis, a reinauguração trouxe mais novidades: os visitantes podem contar com dez novos computadores para realizar as buscas e a filmoteca foi incorporada ao espaço. A consulta é feita no local e os filmes são assistidos na sala multimídia.

### SERVIÇO

Rua Primeiro de Março, 66 - Centro, Rio de Janeiro  
Funcionamento: de quarta a segunda-feira, das 9h às 21h  
Telefone: (21) 3808-2020  
E-mail: [ccbbrio@bb.com.br](mailto:ccbbrio@bb.com.br)

## **Enciclopédia Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira**

A iniciativa do banco reúne em uma plataforma online informações sobre literatura, música, cinema, artes visuais, dança e teatro produzidas no Brasil. A Enciclopédia Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira tem o objetivo de oferecer ao público um conteúdo multimídia de diversos temas relacionados à arte nacional.

### SERVIÇO

[www.encyclopedia.itaucultural.org.br](http://www.encyclopedia.itaucultural.org.br)



## **Cantareiros**

Criado em 2007 por Jules Vandystadt, o projeto social Cantareiros reúne, atualmente, 170 cantores e instrumentistas para levar alegria a hospitais, orfanatos, asilos e instituições médicas. Os voluntários se revezam nas visitas e apresentam músicas em arranjos vocais mistos, à capela ou acompanhados por instrumentos. O objetivo do grupo é humanizar os tratamentos hospitalares e elevar o bem-estar e autoestima de crianças e idosos. As apresentações ocorrem entre março e novembro, sendo finalizadas em dezembro com a “Maratona de Natal”. O repertório é composto de músicas nacionais e internacionais que falam sobre paz, amor, união, esperança e alegria.

### SERVIÇO

[cantareiros.org](http://cantareiros.org)

[facebook.com/cantareirosocial](https://facebook.com/cantareirosocial)

[instagram.com/cantareiros](https://instagram.com/cantareiros)

## **Centro Cultural da Light**

Entre os dias 6 de dezembro de 2018 e 11 de janeiro de 2019, o CCL recebe a exposição coletiva “Diálogos sobre o Corpo”. Idealizada pelas estudantes de pintura da Escola de Belas Artes da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) Agnes Antonello, Catharina Braga, Isabella Rosa e Paula Isabelle, a mostra busca retratar nas telas o diálogo com o outro através do corpo.

### SERVIÇO

Av. Mal. Floriano, 168 - Centro, Rio de Janeiro

Funcionamento: segunda a sexta, das 10h às 17h

Entrada gratuita



## **Grupo Móbile**

Em 2010, a artista Ceci Miranda criou o Grupo Móbile, com o objetivo de fomentar a arte circense na região de Três Rios. Formado por seis pessoas, dos quais quatro são aprendizes, o conjunto ministra aulas regulares de acrobacias aéreas em aparelhos como lira, tecido e trapézio, além de cursos livres das técnicas de circo.

### SERVIÇO

Praça Salim Chimelli, 79 (fundos) – Centro, Três Rios

E-mail: [grupomobiletr@gmail.com](mailto:grupomobiletr@gmail.com)

[facebook.com/grupomobile](https://facebook.com/grupomobile)

## **Centro de Referência para a Saúde da Mulher (Cresam)**

O Centro oferece programas educativos e ações de incentivo à prevenção de doenças sexualmente transmissíveis, câncer de colo de útero e de mama através de abordagens pedagógicas com educadores sociais.

### SERVIÇO

Rua Getúlio Vargas, 5 - Penha, Rio de Janeiro

Funcionamento: de segunda-feira a sexta-feira, das 09 às 17h

Tel: (21) 3473-9617

Atendimento gratuito

Sala de Cultura  
**LEILA DINIZ**  
 Arte e Cultura da Região Metropolitana

# SETE ANOS da SALA DE CULTURA LEILA DINIZ

*Espaço em Niterói é dedicado à promoção de cultura na Região Metropolitana do Rio*

por **Larissa Henriques**

“**A**quelas noites eram feias, eram trágicas/ Mas sua luz anunciava a diretriz/ (...) Esta saudade é uma mulher/ Leila Diniz”. Martinho da Vila, o compositor da letra, enxerga a musa inspiradora com nostalgia. Assim como o cantor, a Imprensa Oficial do Estado do Rio de Janeiro tem contribuído para preservar a memória da atriz através da Sala de Cultura Leila Diniz, espaço que completa sete anos de serviço à sociedade, com exposições, concertos, lançamentos de livros e peças teatrais.

Inaugurada em 1º de julho de 2011, a sala tem contribuído para movimentar a vida cultural de Niterói. Desde então,

recebe artistas fluminenses e internacionais, como a harpista francesa Claire Le Fur. Além das apresentações especiais, seus eventos fixos, o Programa Aprendiz - Música na Escola, uma parceria com a prefeitura da cidade, e o Giro Cultural, teatro infanto-juvenil, abraçam gratuitamente todos os públicos.

No ano do sétimo aniversário, a coordenadora do espaço, Renata Palmier, se prepara para iniciar mais um projeto. “Estamos produzindo o Encontro de Corais. A primeira apresentação será agora em outubro, e a equipe está torcendo para ser mais um sucesso da Leila Diniz”, adianta.

Filha da atriz homenageada, Janaína Diniz acredita que o centro cultural é um ambiente que democratiza a arte. “Meu pedido principal foi para que esse espaço tivesse acesso livre e com muita liberdade de criação. A democracia não está só em permitir que as pessoas que não têm condição participem dos eventos, mas que elas também sejam produtoras de cultura. E é isso que vem acontecendo, essa mão dupla maravilhosa. É com muita alegria que estou aqui e que venham muitos outros anos de Sala de Cultura”, comemora.

Ao lembrar-se dos esforços para cumprir a missão de levar arte a todos, Renata fica emocionada ao falar do trabalho. “A Imprensa Oficial proporciona cultura, arte e lazer de graça. A última vez que fiquei comovida por causa do nosso trabalho foi quando uma criança me agradeceu por ter sido a sua primeira vez ao teatro. Sendo que, na verdade, a gente não tem toda a estrutura de um teatro. Nós oferecemos apresentações simples, mas feitas com muito carinho”, recorda.

Muitos artistas fluminenses têm uma relação afetiva com a Sala de Cultura, e Leonardo Santiago é um deles. O pintor participa de mostras na Leila Diniz

desde 2013, sendo sua primeira exposição chamada “Cores e Formas”. “A sala é, sem dúvidas, um dos melhores lugares que já trabalhei. Em forma de carinho e gratidão, resolvi presentear a casa com o quadro que pintei da Leila Diniz, em 2017, para a ‘Selfie’, minha segunda mostra”, conta o artista, que promete voltar logo com a obra “Cenas Urbanas”.

A relevância do espaço é tão reconhecida que, em 2017, o artista Bê Sancho escolheu a Leila Diniz para expor “Poética Visual”, mostra em comemoração pelos seus 50 anos de idade e 25 de carreira. Este ano, no evento de aniversário da Sala de Cultura, a “Coletiva 7 anos”, ele foi um dos pintores convidados para compor o acervo. “Percebi que eu realmente havia entrado para a família Leila Diniz. Todo o afeto experimentado na primeira exposição aqui ganhou um sentido de pertencimento”, comenta o artista.

E, pela experiência que teve no espaço, Bê acredita que não é o único com o sentimento. “A sala representa mais do que um espaço de fomento à arte e valorização dos artistas contemporâneos. Aos frequentadores, é um lugar de afeto e de lazer. Ela participa de forma contundente da democratização da cultura, uma vez que todas as atividades oferecidas são gratuitas”, conclui. ■



**Sala de Cultura  
Leila Diniz**  
em números:  
74 exposições  
80 Giros Culturais  
80 concertos do projeto  
Aprendiz na Escola  
28 lançamentos de livros  
4 teatros para adultos  
4 desfiles de moda  
11 corais



Larissa Henriques

A harpista francesa Claire Le Fur

**SERVIÇO**  
R. Professor Heitor Carrilho, 81 - Centro, Niterói - RJ  
Funcionamento: de segunda a sexta, das 10h às 17h  
Entrada franca  
  
facebook.com/cultura.leiladiniz  
instagram.com/culturaleiladiniz  
youtube.com/salaleiladiniz



Designed by Freepik

# Ferramentas que transformam vidas

*Apesar da busca por um profissional da saúde mental ser indispensável, iniciativas promovem apoio emocional pelo Brasil*

por **Larissa Henriques**

O estresse e a correria da rotina podem ser fatores agravantes para a saúde. Trabalho, faculdade, afazeres domésticos e falta de tempo dedicado ao lazer formam uma união perigosa, que pode gerar problemas sérios para a saúde física e mental. De acordo com estudo feito pela Organização Mundial da Saúde (OMS) em 2017, o número de depressivos no mundo aumentou 18% entre 2005 e 2015. Já no Brasil, esse percentual atinge 11 milhões, representando 5,8% da população do país. A pesquisa também aponta que o número de pessoas com transtorno de ansiedade aumentou 14% no mesmo período, colocando o Brasil no topo da lista de países com a doença. Contudo, existem organizações como a *startup* Eureka e o Centro de Valorização da Vida (CVV) que ajudam quem possa estar passando por conflitos emocionais.

Criado em 1962, o CVV é uma instituição civil e filantrópica com o objetivo de dar apoio e prevenir o suicídio. O atendimento é feito por voluntários através de ligação gratuita para o número 188, que pode ser realizado a qualquer hora e de forma anônima. Para a colaboradora Patrícia Fanteza, a desconstrução de preconceitos é essencial para a confiança das pessoas que ligam para o centro. “A nossa proposta é ouvir de forma respeitosa, para que falem sobre o que quiserem. Acredito que isso faz com que nos tornemos melhores e mais atenciosos”, destaca.



Larissa Henriques

Patrícia acredita que o Centro de Valorização da Vida a torna uma pessoa melhor

Ela explica que cada voluntário é treinado para oferecer uma escuta acolhedora no momento em que a pessoa precisa desabafar sobre suas questões e angústias, e como se sente em relação a algo específico. “Quem liga pode falar o tempo que achar necessário. Nós apenas o acolhemos em uma escuta ativa”, afirma Patrícia.

Jornalista e voluntário há 19 anos, André Trigueiro explica que sua função no CVV é de divulgar o trabalho da organização. “Meu envolvimento com a instituição acontece por causa da minha identificação pessoal com a causa da prevenção do suicídio. Fico muito feliz em poder ajudar no sentido de estabelecer um canal direto de negociação com o Ministério da Saúde e de apoiar divulgando o serviço”.

Em 2015, Trigueiro publicou o livro “Viver é a Melhor Opção - A Prevenção do Suicídio no Brasil e no Mundo”, que tem todos os direitos autorais cedidos para o CVV. Nele, o autor mostra as questões acerca do suicídio com base em pesquisas do Ministério da Saúde e da OMS.

“O livro nasceu da necessidade de conteúdo sobre prevenção de suicídio que não fosse mais um livro médico ou mais um especialista na área da psiquiatria ou psicologia falando para outros profissionais. Então, minha função é de tradutor e divulgador dos saberes da prevenção”, diz Trigueiro.

Outra forma inovadora de cuidados psicológicos é a *startup* gaúcha Eureka. Criada em agosto de 2017, a empresa produz tanto conteúdos online, em

forma de vídeo-aulas, quanto *offline*, com cursos e *workshops*. Entretanto, o que mais chama a atenção das pessoas é a inteligência artificial desenvolvida pela iniciativa. A robô Eureka acompanha gratuitamente os usuários do *Facebook* interessados em aprender técnicas de respiração e meditação através do *chat* da rede social.

Fundador da Eureka e mestre em psicologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Júlio Pereira de Souza conta que a iniciativa surgiu com o objetivo de trazer recursos para lidar com o estresse do dia a dia. “A ideia da Eureka está ligada a como o ser humano toma suas decisões e o que faz com que ele seja feliz do ponto de vista de estudos e pesquisas. Nossas intervenções são para o público que não é necessariamente diagnosticado com um transtorno, mas quer usar as ferramentas



Com ajuda da plataforma, Alessandra consegue lidar melhor com momentos de ansiedade

para viver de um jeito mais feliz”, explica Julio, que enfatiza: “A Eureka não pode substituir o apoio de psiquiatras e psicólogos!”.

A estudante de fonoaudiologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) Alessandra Lyra conheceu a *startup* no final do ano passado. Para

ela, a inteligência artificial Eureka trouxe muitos benefícios em momentos complicados da sua vida. “Além de me ajudar a lidar com meus problemas, a ferramenta me auxilia a entender melhor o que eu sinto e o que as outras pessoas também podem estar sentindo”, elogia a estudante. ■



André Trigueiro é um dos voluntários do CVV e dá palestras sobre prevenção ao suicídio

## SERVIÇO

### **CENTRO DE VALORIZAÇÃO DA VIDA**

Tel: 188

Chat: [www.cvv.org.br/chat/](http://www.cvv.org.br/chat/)

E-mail: [www.cvv.org.br/e-mail/](mailto:www.cvv.org.br/e-mail/)

### **EUREKKA**

[www.eurekka.me/](http://www.eurekka.me/)

[facebook.com/eurekka.me/](https://facebook.com/eurekka.me/)

## Lista de psicólogos e psiquiatras a preços populares

### **SERVIÇO DE PSICOLOGIA APLICADA DO DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA DA PUC-RIO**

Tel: (21) 3527-1573 / 3527-1574 / 3527-1575

Rua Marquês de São Vicente, 225 - Gávea - Prédio SPA

[www.psi.puc-rio.br/site/index.php/spa-servicos](http://www.psi.puc-rio.br/site/index.php/spa-servicos)

Preço: a combinar com o terapeuta

Varia de R\$ 1 a R\$ 50

### **INSTITUTO DE PSICOLOGIA FENOMENOLÓGICO-EXISTENCIAL DO RIO DE JANEIRO - IFEN**

Tel: (21) 2268-9907 / 2208-6473 / 98725-6475

Rua Barão de Piracungua, 62 - Tijuca, Rio de Janeiro

Preço: valor mínimo de R\$ 80 por consulta

E-mail: [ifen@ifen.com.br](mailto:ifen@ifen.com.br)

### **NÚCLEO INTEGRADO DE PSICOLOGIA CLÍNICA E HOSPITALAR - NIPCH**

Tel: (21) 2552-5858 / 98745-0234

Rua Santa Luzia, 206 - Castelo, Rio de Janeiro - Hospital

Geral Santa Casa de Misericórdia do Rio de Janeiro

E-mail: [nipch.santacasa@gmail.com](mailto:nipch.santacasa@gmail.com)

Preço: a combinar com o terapeuta

### **SERVIÇO DE PSICOLOGIA APLICADA DA UNIABEU**

Rua Itaiara, 301 - Centro, Belford Roxo

Tel: (21) 2104-0468

Inscrições feitas presencialmente ou pelo telefone

Preço: informado no dia do atendimento



# ‘Descobrimo um continente’

*J. Carlos: o encontro com o gênio brasileiro dos cartuns*

por **Rose Esquenazi** \*

O cartunista Cássio Loredano vem revelando, aos poucos, toda a dimensão de um dos maiores gênios gráficos brasileiros. Em 1995, Loredano tinha 33 anos quando percebeu que havia apenas 600 desenhos de José Carlos de Brito e Cunha circulando pelo país. Fazendo as contas, ele teve a certeza de que deveria existir muito mais. J. Carlos nasceu em 1884, morreu em 1950 e trabalhava diariamente nas melhores revistas do país, no século 20. Por onde andava todo esse material?

Com uma bolsa da RioArte, obtida naquela época, Loredano, que já era repórter do *Diário do ABC*, em Santo André (SP), conseguiu a verba para

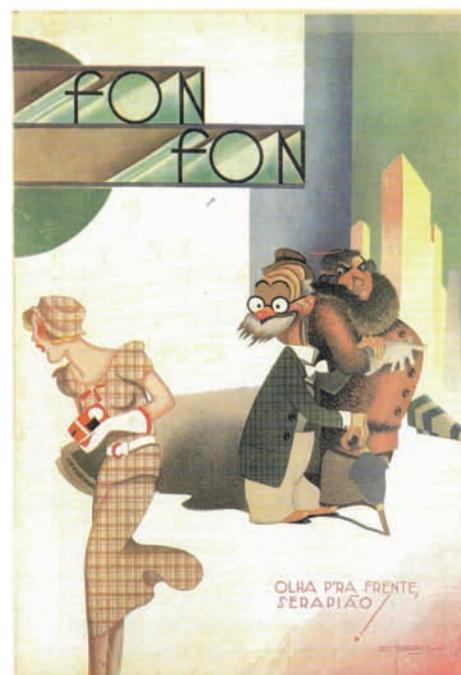
pesquisar sobre o chargista, designer gráfico e ilustrador carioca. Nos locais onde seria possível encontrar as revistas onde J. Carlos trabalhou - Biblioteca Nacional e Associação Brasileira de Imprensa, por exemplo - não havia quase nada. Até que alguém soprou que o filho de J. Carlos, Eduardo Augusto de Brito e Cunha, vivia em Petrópolis. Lá foi Loredano subir a Serra. Além de ter sido muito bem recebido pela família, ele foi autorizado a ver todas as coleções das revistas *Careta*, *Fon-Fon*, *O Malho* e *Paratodos*.

“Havia um continente a ser descoberto. Tive muita sorte. O filho de J. Carlos me atendeu de braços abertos. Aluguei uma casa em Petrópolis e passei dois meses, de 9h às 19h, escaneando 30 mil desenhos. Acabei me tornando uma espécie de neto de J. Carlos”, contou Loredano.

No fim dos dias de trabalho, depois de ver a grandeza da obra do cartunista, Loredano sentava-se no Bar D’Angelo, no Centro da Cidade Imperial, e pedia uma cerveja sem gelo, do jeito que ele gosta. Sentia-se feliz com a empreitada.

“Os traços de J. Carlos têm uma incrível limpeza. Ele não precisava encher todos os espaços, como fazem, às vezes, os novatos. Ele ia à essência, tirava toda gordura. J. Carlos mostrou o Brasil que passava da fase rural à urbana, vivia a industrialização, a verticalização das cidades, o começo do consumo. No mundo, no século passado, aconteceram duas tragédias mundiais, a guerra na Espanha, e o desenhista retratou tudo isso”, esclarece.

Loredano chegou a contar os dias em que o cartunista trabalhou no século passado: nada menos do que 18 mil. Nos desenhos e caricaturas, ele falava de tudo: política, economia, cidade, comportamento, carnaval. Na imensa coleção, havia



peças preconceituosas, xenófobas, algumas piadas grosseiras. Nada que comprometesse a genialidade da obra.

“Logo ele que era filho de portugueses”, espanta-se Loredano, que amenizou a visão preconceituosa do guru. “Ele era humano e também tinha defeitos. Mas o fato é que foi totalmente contrário ao surgimento do nazismo e defendia a democracia, em uma época de publicações simpáticas ao regime alemão”.

O pai e a mãe de J. Carlos eram descendentes de nobres que perderam tudo. Da enorme casa na Praia de Botafogo, na Zona Sul do Rio, a família foi morar na Gávea, que não passava de um arrabalde na época. O irmão mais velho tornou-se almirante e a caçula entrou para a Escola Nacional de Música. Mas com J. Carlos, o caminho foi diferente. Tudo começou quando mandou uma piada “boba”, segundo



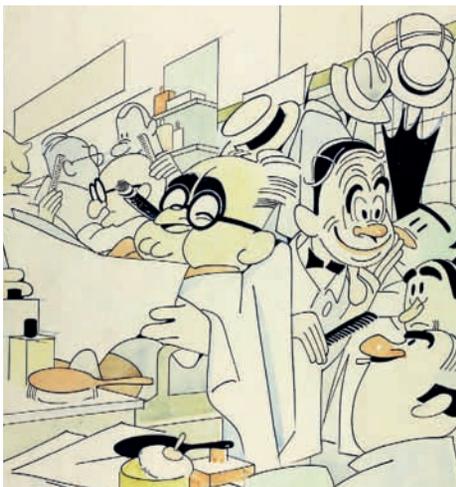
contava, para o jornal *Tagarela*, de Raul Pederneiras. Talvez tenha sido tola, mas os proprietários viram ali uma pequena chama. Eles o convidaram para ir à redação e conhecer o material de desenho.

Oito meses depois, o rapaz já estava assinando a capa do *Tagarela*. Dois anos mais tarde, começava a colaborar na revista *O Malho*. Na família, ninguém entendeu quando soube que J. Carlos ia abandonar a escola, no caso, o excelente Colégio São Bento, o mesmo do compositor Noel Rosa. Para que estudar? A redação iria ensinar tudo para o jovem desenhista. Afinal, Olavo Bilac, Machado de Assis, Marques Rebelo, a *intelligentsia* nacional frequentava as redações dos jornais e das revistas no século passado.

J. Carlos adorava circular pela cidade e costumava dizer: “o bonde é meu laboratório”. No banco, ouvia os comentários, as gírias, via as modas, observava os tipos humanos. Durante o carnaval, era uma festa. Em suas charges, apareciam os enfeites e as fantasias dos foliões que circulavam na Avenida Central, hoje, Rio Branco. A fotografia ainda estava se consolidando na imprensa, havia apenas três chapas para cada reportagem. A caricatura ilustrava as revistas, era a crônica visual para brasileiros, 70% ainda analfabetos. Depois do *Malho*, vieram a revista *Fon-Fon*, *Tico-Tico*, *Careta* e *O Cruzeiro*.

*O Malho* chegou a ter 13 desenhos de J. Carlos em uma única edição. A caricatura era, e ainda é, o diferencial de uma publicação. É só ver o Angeli, na *Folha de S. Paulo*, e Chico Caruso, no *Globo*.

Ninguém melhor do que Loredano para esclarecer o que aconteceu em



O desenho de Getúlio Vargas, capa da revista *Careta* de setembro de 1950, foi o último trabalho seu que J. Carlos viu impresso

1941, quando Walt Disney veio ao Brasil lançar o filme *Fantasia*. Parte do grupo da Política da Boa Vizinhança, Disney foi visitar a exposição de desenhistas e caricaturistas brasileiros, no prédio da ABI. O americano parou diante do desenho de um papagaio. Chamou a equipe e mandou que eles fotografassem a ave. O autor da figura que chamou tanta atenção era J. Carlos! Não é que o papagaio virou mais tarde Zé Carioca, o Joe Carioca?

“Não havia essa questão de direito autoral, naquela época. Tanto que J. Carlos desenhava o Mickey Mouse, foi o primeiro a fazer isso. Nos Estados Unidos, Disney desenhava o papagaio”, conta Loredano.

J. Carlos sabia o que estava acontecendo. Tanto que na capa da *Careta* do dia 4 de outubro de 1941, a manchete era a seguinte: “Walt Disney levou o papagaio. Este papagaio vai ser um sucesso de bilheteria: fotogênico, orador e sobretudo impróprio para menores”.

Cássio Loredano lembra que há uma estátua em homenagem a J. Carlos na Praça Henrique Brito e Cunha, na Lagoa Rodrigues de Freitas, e na rua no Jardim Botânico que leva o nome do artista. Mas será que os brasileiros conhecem as centenas de personagens que o cartunista criou? A melindrosa bonitinha e muito bem arrumada; o sujeito magro com jeito afeminado, a matrona sempre com rolo de pastel na mão querendo bater no marido que chegava tarde do trabalho?

“Acredito que J. Carlos tenha criado o jeito da mulher carioca. Até um traje ele inventou: o maiô duas peças no tempo de maiôs compridos em Copacabana. Pelas fotos, a gente pode ver que as pessoas de classe média que assistiam à missa na Igreja do Largo do Machado ainda se vestiam mal. Já a melindrosa lançava moda”, continua.

Um dos momentos mais felizes do sisudo J. Carlos - ele não aparece sorrindo com frequência nas fotos - foi ouvir a conversa entre duas mulheres no bonde. Elas estavam discutindo sobre a roupa que iriam usar em uma festa na cidade. Uma disse que compraria um vestido em uma loja francesa. A outra apanhou a revista e mostrou um modelo criado por J. Carlos. Foi a glória para o trabalhador infatigável que sofreu uma hemorragia cerebral em cima da mesa de trabalho enquanto conversava com João de Barros. Três dias depois, 2 de outubro de 1950, ele morria aos 66 anos. Para Loredano, ainda hoje, ninguém conseguiu ultrapassar as qualidades de cartunista de J. Carlos. E olhe que muita gente boa apareceu depois dele, inclusive Millôr Fernandes.



Cássio Loredano publicou seis livros, entre eles, *O Rio de J. Carlos*, *Carnaval*, *J. Carlos contra a Guerra*, *O bonde e a linha: a biografia de J. Carlos*, todos frutos da rica pesquisa. Por esse grande conhecimento, foi o curador da exposição *J. Carlos: originais* do Instituto Moreira Salles, que ficou em cartaz até outubro de 2017, no Rio de Janeiro. Quando o filho de J. Carlos morreu, Loredano temeu pelo destino das coleções. Mas o IMS salvou o acervo que pode ser consultado pelos curiosos. ■

\* **Rose Esquenazi** é professora da PUC-Rio e colaboradora nesta edição.





## **Cantos do RIO: CINELÂNDIA**

# História, elegância e imponência no coração do Rio

*O Prelo passeia pelos equipamentos culturais ao redor da Cinelândia*

**A**nos 30. Foi nesse período em que os arredores da Praça Floriano, localizada no Centro do Rio, se popularizaram como a charmosa Cinelândia. A região surgiu durante a criação da antiga Avenida Central, atualmente chamada de Rio Branco.

Na época, o Rio de Janeiro ainda era a capital da República e ficou conhecida assim por abrigar inúmeros bares, teatros e hotéis, tornando-se referência cultural na cidade maravilhosa, principalmente por conta dos grandes cinemas que ali existiram.

Com o passar dos anos, a área deixou de ser um polo de cinemas. Mas isso não foi o suficiente para ofuscar sua maestria. Os imponentes aparelhos de cultura que adornam a Cinelândia ainda encantam públicos de todas as idades. Ali, estão presentes os edifícios do

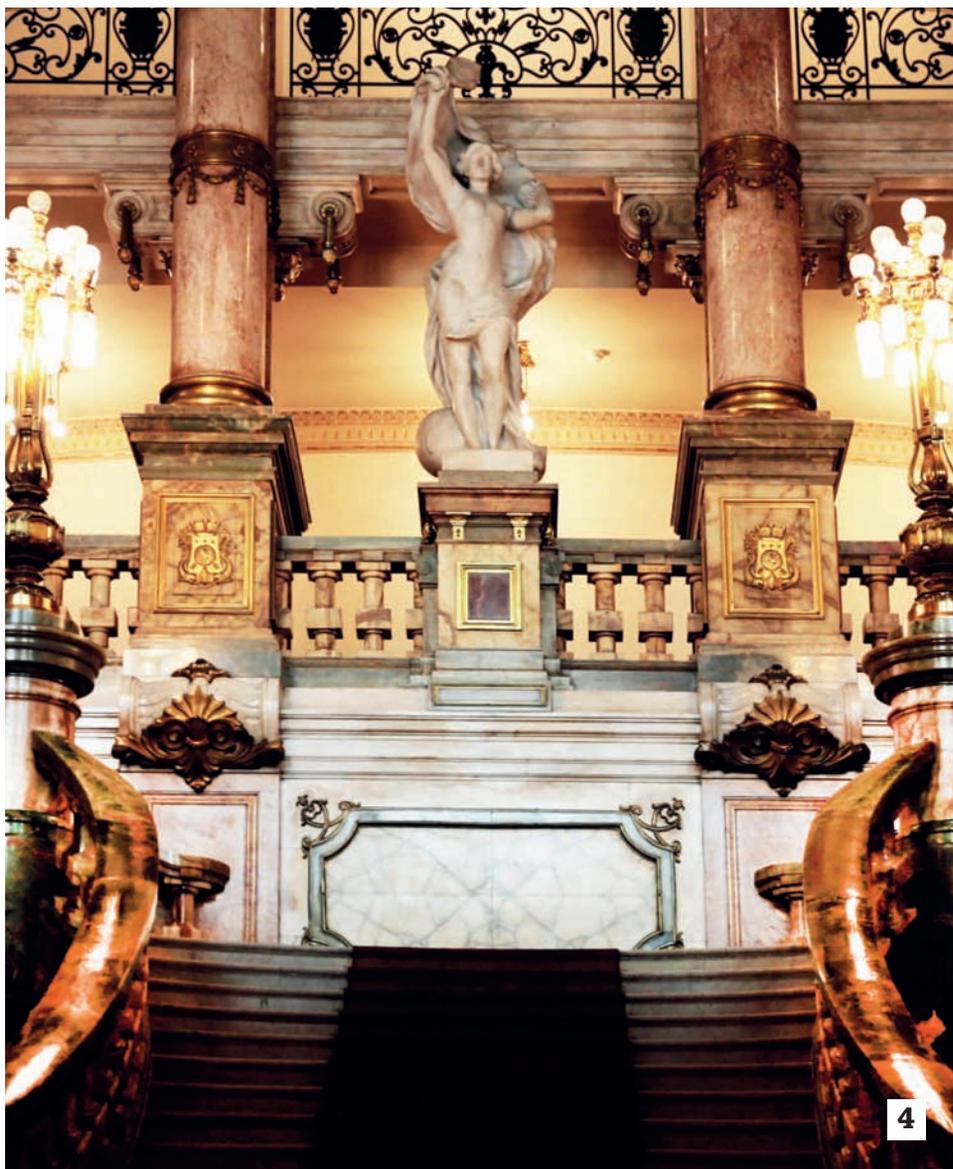




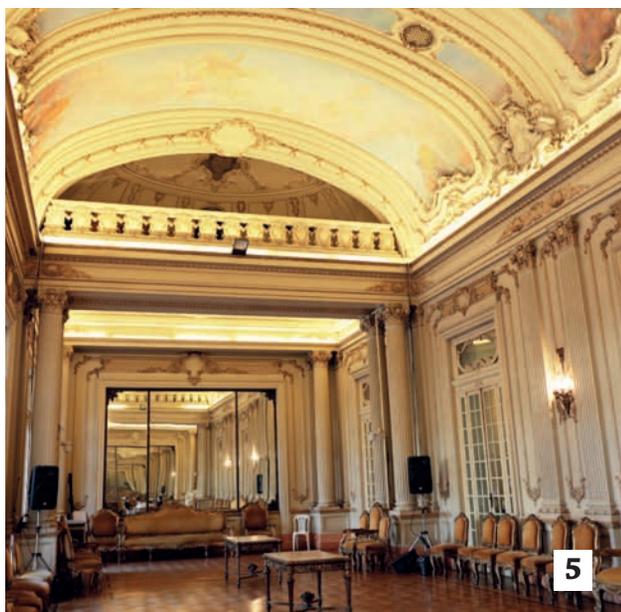
Theatro Municipal, da Câmara Municipal, do Centro Cultural da Justiça Federal, da Biblioteca Nacional e de outros, que embelezam a vista dos que por ali caminham.

Carolina Chaves Ferro, mestra e doutora em História pela Universidade Federal Fluminense (UFF), fala da importância de preservar e investir nesses espaços.

“Apesar de o Centro ser histórico em termos coloniais, a Cinelândia é relativamente nova por ter sido modificada de acordo com as reformas do antigo prefeito Pereira Passos, que tentou ‘francesar’ o Rio de Janeiro. Esses locais possuem uma estética arquitetônica europeia e são muito importantes por trazerem uma visão fresca da arte e, também, por guardarem não só a história carioca, mas a de outros povos. São patrimônios para a humanidade como um todo”, enfatiza a pesquisadora. ■



Fotos  
2 - Cinelândia do alto  
1, 3 e 4 - Theatro Municipal  
Daniel Almeida



Fotos  
5 e 6 - **Câmara Municipal**  
Caroline Cezário

7 - **Biblioteca Nacional**  
Daniel Almeida

8 e 9 - **Centro Cultural  
da Justiça Federal**  
Caroline Cezário





projeto

# mais leitura

Ler é o maior barato



Livros novos a partir de

R\$ 2,00



Imprensa Oficial

DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO



Sala de Cultura  
**LEILA DINIZ**  
Arte e Cultura da Região Metropolitana

# Sala de Cultura Leila Diniz

Espaço Cultural da Imprensa Oficial.  
Um lugar para mostrar a sua arte.

**MÚSICA**

**TEATRO**

**DANÇA**

**EXPOSIÇÃO**

**LITERATURA**

Rua Prof. Heitor Carrilho, 81 - Centro, Niterói  
Telefones: (21) 2717- 4055 e 2717-5299  
E-mail: [saladecultura@ioerj.com.br](mailto:saladecultura@ioerj.com.br)



## ENTRADA FRANCA

de 2ª a 6ª, das 10h às 17h.

@CulturaLeilaDiniz

